

MOVIMENTO PLENO DE SENTIDO: O QUE REALMENTE FAZ SENTIDO? UM OLHAR PARA O MOVIMENTO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA WALDORF¹

Yuri Mercante^{2*}

Gabriela Hilarino (orientadora)^{}**

1. As entrevistas deste artigo fazem parte da pesquisa de mestrado intitulada “O movimento pleno de sentido: o que verdadeiramente faz sentido? Um olhar para as aulas de Educação Física na pedagogia Waldorf” (Hilarino, 2023), aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Educação da UFMG. Os professores apresentados na pesquisa concederam autorização para publicação de seus nomes e textos.

2. *Aluno do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Rudolf Steiner, graduando do 6º semestre de Pedagogia.

** Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Rudolf Steiner. Orientadora da pesquisa. Mestra pela Faculdade de Educação da UFMG.

RESUMO

Baseando-se nos fundamentos de Rudolf Steiner em sua teoria antroposófica, a pesquisa busca apresentar as possibilidades para a compreensão do termo movimento pleno de sentido sob a luz da Antroposofia. Para tanto, organizou um estudo das obras do autor, assumindo as pesquisas colaborativa e narrativa como eixos norteadores das ações práticas. Com intuito de ressaltar o papel do professor como parte fundamental da escola dos conteúdos que compõem as aulas, a pesquisa contou com a participação de três professoras, duas de Educação Física e uma de classe, com vasta experiência na Pedagogia Waldorf, que compartilharam a compreensão que possuíam a respeito do termo, fruto de suas experiências adquiridas ao longo dos anos. Contou, também, com o relato de um aluno da Faculdade Rudolf Steiner, que também participou na produção da pesquisa, relatando sua experiência como professor e aluno desta pedagogia. Nas rodas de conversa, foi possível verificar que, apesar de cada professor apresentar diferentes experiências, a base que sustenta a conceituação do termo converge no entendimento que possuem a respeito do desenvolvimento humano, sempre pautado nos princípios da Antroposofia. Esse movimento de troca de experiências serviu como base para que fosse possível, num processo dialógico, a elaboração de um caminho que reconhece o que, dentro da Pedagogia Waldorf, é importante de ser levado em consideração ao se pensar a importância do movimento na evolução humana, quando se busca um desenvolvimento integral da criança, ou seja, na estruturação do corpo, no equilíbrio das emoções e na organização das ideias.

Palavras-chave: Educação Física; Antroposofia; Pedagogia Waldorf; movimento pleno de sentido.

ABSTRACT

Based on Rudolf Steiner's anthroposophical theory, this research seeks to present the possibilities for understanding the term "fullness of movement" in light of Anthroposophy. To this end, a study of the author's works was organized, taking collaborative and narrative research as the guiding principles for practical actions. In order to highlight the role of the teacher as a fundamental part when choosing the content for classes, the research included the participation of three teachers, two from Physical Education and one class teacher, with extensive experience in Waldorf Pedagogy. They shared their understanding of the term, derived from their experiences acquired over the years. The research also included the account of a student from Rudolf Steiner College, who participated in the research process relating his experience as both a teacher and a student of this pedagogy. In the discussion groups, it was possible to see that, although each teacher had different experiences, the basis that supports the conceptualization of the term converges in their understanding of human development, always based on the principles of Anthroposophy. This exchange of experiences served as the basis for a dialogical process that made it possible to develop a path that recognizes what, within Waldorf Pedagogy, is important to take into consideration when thinking about the importance of movement in human evolution, when seeking the integral development of the child, in other words, the structuring of the body, the balance of emotions and the organization of ideas.

Keywords: Physical Education; Anthroposophy; Steiner Schools; fullness of movement.

1. O movimento pleno de sentido a partir da sua fundamentação bibliográfica

A Pedagogia Waldorf se ocupa em trazer para o currículo aquilo que, de fato, faça sentido para o desenvolvimento humano na perspectiva antroposófica proposta por Rudolf Steiner.

Muitas vezes, nos deparamos com o termo movimento pleno de sentido em suas palestras e, também, em textos de autores que buscam compreender essa teoria. Após intensas buscas e contando com a colaboração de alguns professores, encontramos, até o momento, palestras pontuais, que trazem elementos que precisam ser relacionados para que possamos ampliar a compreensão sobre o assunto. Desta forma, escolhemos alguns trechos em que o termo movimento pleno de sentido foi mencionado, na tentativa de trazer luz para sua conceituação.

Na décima segunda palestra do livro *O estudo geral do homem – Arte da Educação I* (2007), Steiner aborda a relação que a antroposofia estabelece entre nosso movimento corporal externo com nossa atividade espiritual interna. Mostra-nos que não se trata de uma pessoa simplesmente ser ativa, mas do quanto esta é coerentemente ativa. A busca por atividades que façam sentido, afirma ele, deve imbuir a vontade de todos aqueles que se propõem a trabalhar como educadores.

A pessoa atua sem sentido quando age apenas conforme seu corpo exige. Entretanto, é coerentemente ativa quando age conforme exigência do ambiente.

Podemos conduzir a movimentação externa da criança a movimentos plenos de sentido, impregnados de propósitos, para que ela não se perca com seus movimentos no espírito, mas siga-os em suas direções (Steiner, 2007, p.186).

No livro *Os primeiros anos da infância* (2013), Rudolf Steiner dedica-se a tratar de um assunto muito importante que pode vir a elucidar ainda mais a prática de atividades de movimentos com sentido na vida dos alunos. Nessa ocasião, o autor sugere que o “brincar se transforme em trabalho” e que as brincadeiras sejam um lugar de experimentação da vida cotidiana, onde elas possam imitar o mundo como ele realmente é, imitando as ações dos adultos e se preparando para vida posterior. Ele exemplifica essa percepção quando analisa o brincar das crianças em atividades de cortar papéis de várias cores e entrelaçá-los, forman-

do composições coloridas. O que se alcança de coordenação motora na criança nessa atividade mecanizada pode ser amplamente atingido, também, por meio de alguma atividade cotidiana, tal como um trabalho de costura ou de bordado.

Nessa situação, percebemos que um dos pontos fundamentais do movimento pleno de sentido é relacionar o aluno com a realidade que o cerca. Ao propor essa reflexão, encontramos inúmeros exemplos de atividades puramente fisiológicas que não trazem uma conexão do ser humano com seu meio: caminhar em uma esteira elétrica, por exemplo, em oposição a caminhar ao ar livre. Embora, corporalmente, o ganho motor adquirido possa ser o mesmo nas duas atividades, a qualidade da relação com o mundo é completamente diferente.

Em outra obra, intitulada *Reconhecimento do ser humano e realização do ensino* (2009), Steiner apresenta-nos um exemplo de movimento pleno de sentido e os seus efeitos na criança:

[...] Aos 9 anos a criança chega de uma maneira sutil e delicada a uma admiração por tudo o que acontece no mundo pelo fato dela começar a se enxergar a si mesma inserida no mundo. Somente neste estágio chegamos de fato a consciência do Eu. Quando se vê como um brilho vindo de nós de toda a parte, quando começamos ter sentimentos e sensações por todas as partes do mundo vegetal, do mundo animal, então nós sabemos algo a partir nós. E isso começa a despertar na criança entre 9 e 10 anos. Mas ela não começa a despertar se nós evitamos levá-la a atividade figurativa, se nós evitamos levá-la a que faça algo pleno de sentido com seu próprio movimento. Pobre ovelhinha no pasto, ela é levada ao salão de Ginástica e educada por meio de ordens sobre como deve mover os braços, como deve agir em diferentes aparelhos. Nisso realmente não há nada de particularmente espiritual - ou vocês terão visto que se pratique nessas coisas algo de particularmente espiritual? É claro que se fala muitas coisas bonitas sobre essa prática. Mas elas não são permeadas de espírito (Steiner, 2009, p.169).

Fato é que há disponíveis inúmeras atividades de movimento que servem de estruturantes para o corpo, porém nem todas trabalham verdadeiramente a organização do movimento, a fim de contribuir para um desenvolvimento das forças do pensar, sentir e agir.

Diante de tais apontamentos, há de se fazer uma reflexão sobre sua relação com a prática pedagógica, a fim de ajudar o professor a encontrar sentido no movimento ou, em outra instância, a estruturar sua aula a partir de movimentos que realmente façam sentido.

Quando temos a oportunidade de estudar a biografia da criança do Ensino Fundamental, observamos como ela caminha em busca de sua independência e autonomia. A aula, que nos anos iniciais começa na roda, vai mudando sua estrutura, de forma até que ela esteja preparada para iniciar os jogos de equipe. A roda, utilizada para acolher a criança, vai se transformando em grupos, depois em equipes, à medida que a criança vai percebendo sua existência no espaço. Se observarmos uma aula do 3º ano do Ensino Fundamental, conseguiremos identificar o calor que as crianças emanam de seus movimentos. Agora, se acompanharmos as aulas do 6º ano do Ensino Fundamental, verificaremos o apreço pelas regras e o desejo de superação que elas possuem nessa fase. Cada ano traz consigo características muito peculiares que orientam o professor na escolha dos conteúdos.

Mediante os levantamentos, algumas perguntas surgiram a respeito da temática e, em um processo colaborativo que acredita na construção do conhecimento de forma coletiva, o termo movimento pleno de sentido ganhou alguns significados, entre os quais estão a sua capacidade de trazer vitalidade, dialogar com o momento biográfico da criança e do jovem e ser capaz de organizar o desenvolvimento físico de forma harmoniosa e coerente com as forças cognitivas e emocionais.

Tais significados serão apresentados a seguir, quando os professores poderão compartilhar suas percepções. Vale ressaltar que as conversas foram feitas antes de iniciarmos a fundamentação teórica citada acima, já que o objetivo era que pudéssemos compartilhar das mesmas dúvidas e anseios dos professores participantes.

2. O movimento pleno de sentido pela professora Luciana Leonel

A professora dedicou toda a sua carreira a dar aulas de Educação Física na Escola Waldorf Viver, em Bauru/SP. Ela é uma referência nas aulas de Educação Física desta pedagogia. Atualmente, é professora do Ensino Fundamental e tuto-

ra do Ensino Médio pela quarta vez. Tem vasta experiência e suas contribuições foram valiosas para esta pesquisa.

Tentamos buscar na memória se já havíamos visto o significado do termo movimento pleno de sentido em alguma palestra de Rudolf Steiner e outros textos de Antroposofia. Recordamos de tê-lo visto, pontualmente, com muita ênfase, nos compilados que falam da Educação Física.

A pergunta inicial era: O que é o movimento pleno de sentido?. Entretanto, a professora propôs que pensássemos quais movimentos não faziam sentido algum para nossa prática pedagógica individual.

Ela relatou que, quando era aluna da Formação de Ginástica Bothmer, ouviu do professor exemplos de movimentos que não faziam sentido para ele quando planejava as aulas. E foi na pergunta invertida que começamos a discutir acerca do tema proposto.

Algumas perguntas foram lançadas para que pudéssemos estimular a reflexão: Qual movimento faz sentido? Sentido para quê? Para alcançar alguma coisa? Qual coisa? Para atuar no mundo? Para reconhecer o mundo ou para reconhecer a si mesmo no mundo? O movimento deve fazer sentido para o professor ou para o aluno? Ele precisa fazer sentido em que sentido? Por que dizer que ele faz sentido ou não faz sentido?

Depois desse momento, a professora foi relatando aquilo que considerava serem algumas explicações e exemplos de atuação que davam sentido ao movimento.

Para a professora, faz sentido carregar peso na academia para ficar forte quando o objetivo é apenas ficar forte, uma vez que essa prática de levantamento de peso irá conceder o efeito buscado. Entretanto, o efeito se restringe ao ganho de massa muscular. Esse efeito poderia ser ampliado se essa atividade fosse feita em uma escalada, por exemplo, que exige força muscular semelhante ao carregamento dos halteres da academia.

Assim, podemos considerar que o efeito do movimento é uma chave importante para estudarmos o termo. De um lado, reconhecemos que existem movimentos com efeito restrito, unicamente físico, e do outro, movimentos que buscam algo maior, que conecta o ser humano com a percepção de sua existência, envolvendo-o com o conhecimento da natureza, por exemplo.

A professora explica que o primeiro efeito se relaciona com o resultado desejado, sem consciência, e executado de forma mecânica. Já o segundo exemplo traz outras qualidades, como o bem-estar, a vitalidade e a relação com o mundo. Um exemplo apresentado pela professora, em suas aulas, foi o fato de terem substituído as voltas de corrida dadas na quadra em caráter de aquecimento dos alunos por jogos e brincadeiras de pegador, em que os alunos se divertem e se envolvem a partir de um objetivo ampliado.

Por fim, a professora lembrou outra fala do professor, em uma de suas aulas, quando apontou a importância que tem a fantasia e a imaginação quando são criadas de forma autêntica, com aquilo que o professor carrega dentro de si. O uso da imagem é um recurso que faz muito sentido nas atividades de movimento, principalmente para crianças do Ensino Fundamental. Neste momento, a professora deu um largo sorriso e disse que se orgulhava de olhar para trás e reconhecer quantos jogos e brincadeiras ela criou ao longo desses anos. Mostrou grande satisfação quando relatou que muitos alunos, já maiores, pedem a ela jogos que ela mesma criou e de que eles brincavam quando eram pequenos. Afinal, esse é o termômetro, diz ela, pois, se você planejou alguma aula em que os alunos não saíram felizes, algo está errado. A alegria também dá sentido ao movimento.

3. O movimento pleno de sentido pela professora Denise Oliveira

Atualmente, a professora conduz uma turma de 2º ano pela quarta vez no Colégio Rudolf Steiner de Minas Gerais. Foi bailarina por muitos anos e está ligada diretamente às artes e ao estudo do corpo.

No encontro, a única pergunta era: o que você entende pelo termo movimento pleno de sentido?

A professora acredita que, antes de tudo, o docente precisa ter clareza de que está buscando uma proposta de movimento que tenha sentido e que, quando isso acontece, essa proposta precisa estar imbuída de uma imagem, uma visão do todo da sala, do conhecimento da antropologia da classe e todas as características físicas e anímicas que aquela idade em particular carrega.

Ela se mostrou preocupada com a dificuldade do ser humano em integrar suas forças do fazer com as forças do pensar e do sentir, apontando a neces-

cidade de trazer à consciência uma coerência, iniciando nos jovens e seguindo essa conquista até a vida adulta. Ela vem percebendo o quanto os corpos estão desintegrados em si, não sendo capaz de relacionar aquilo que faz com o que sente e o que pensa, produzindo pensamentos que não acompanham a vontade e sentimentos que se encontram turvos e incipientes.

Ao contar sobre sua classe, deixou clara a importância que dá ao ritmo e à imagem. Exemplificou como entende que a imagem se relaciona com o ritmo ao relatar uma aula de flauta feita com seus alunos quando estavam no 1º ano. Ela iniciava dizendo “posição de musicista”, e os alunos colocavam a cadeira para trás, os dois pés firmes no chão e encostavam no espaldar. Agora, ainda sem explicação verbal, utilizava-se apenas de gestos para mostrar como “acordar a flauta”. Percebe-se, nessa ação, que o movimento possui uma qualidade mais significativa do que a fala, já que os alunos imitavam seus gestos para realizar a atividade proposta.

Foi possível identificar como o ritmo e a imagem são usados como ferramentas de educação na aula mencionada pela professora. Propondo um ritmo de ações que se repetiam em todas as aulas e buscavam estruturar a época, os movimentos acordavam internamente a criança para a imagem, no caso do exemplo da professora, o personagem do musicista, e, sem precisar explicar, as crianças já sabiam que se iniciaria a aula de flauta. Essa imagem, inicialmente construída pela professora com as crianças menores, vai ganhando força nos jovens até que estes, por si mesmos, possam criar internamente suas próprias imagens, frutos das suas experiências de vida. O ritmo da repetição e a imagem fazem muito sentido para o movimento das crianças desta idade, relata a professora.

Encontramos alguns pontos importantes da sua percepção de movimento pleno de sentido. O primeiro deles é o fato de pensar o movimento de forma aprofundada, considerando o ser humano como um todo, e não apenas a sua esfera física. O corpo, veículo do movimento, precisa estar atento à diferença daquilo que ele quer fazer e daquilo que precisa ser feito. E nós, como adultos que carregamos uma percepção maior de nós mesmos, devemos encaminhar os alunos para atividades que façam sentido para um desenvolvimento saudável e harmonioso em cada fase da sua vida escolar.

Um outro ponto diz respeito às academias tradicionais e sua visão super-

ficial do corpo. A professora traz a sua preocupação com o fato de tantos jovens estarem frequentando as academias. Segundo ela, existe um excesso de preocupação exclusiva com a musculatura corporal, e os movimentos de força vêm de fora e vão criando um corpo duro e cristalizado, inibindo uma expressão que deveria chegar na musculatura para desenhar um movimento natural, original, que estivesse de acordo com o impulso interno de cada um. O corpo vem tornando-se triangular e as pernas, que deveriam ser os membros que nos encaminham para nossa liberdade, estão ficando atrofiadas. A coluna está perdendo a posição ereta e a musculatura está se especializando de forma precoce e tornando-se adestrada, com corpos homogeneizados e sem expressão individual. Pensando nos jovens, que ainda estão formando suas expressões individuais e encontram-se em processo de desenvolvimento físico, a transformação do corpo, a partir de forças que vêm de fora e não de dentro, pode causar grandes danos futuros, inibindo a expressão da individualidade.

Neste encontro, pudemos perceber que alguns pontos compunham sua percepção acerca desse termo. O primeiro deles era que o professor reconhecesse a importância de apresentar um conteúdo com sentido para os alunos, e que este sentido deveria buscar algum objetivo que se relacionasse com sua biografia. E este objetivo, de uma forma ou de outra, deveria auxiliá-lo a encontrar coerência nas suas ações, emoções e pensamentos. E, para que o movimento possa ir fazendo sentido, o professor precisa vitalizar e acordar, de forma gradual, a percepção do aluno para sua execução, na qual ferramentas importantes, como a imagem e o ritmo, podem ser usadas. Por fim, o professor deve criar um ambiente para que o corpo possa ter oportunidade de se expressar e se desenvolver de forma individual e saudável.

4. O movimento pleno de sentido pela professora Nice Nocchi

A professora é uma das fundadoras da Escola Querência em Porto Alegre/RS e atua nessa escola na área de Educação Física, no Núcleo de Direção e no Apoio Terapêutico. Atualmente, é uma das coordenadoras da Formação Livre de Ginástica Bothmer e atuou como professora universitária por mais de 20 anos antes de iniciar seu caminho na Pedagogia Waldorf.

Ela relatou que um ponto marcante na sua trajetória foi perceber que, mesmo tendo conquistado uma carreira estável dentro da academia, conhecer a Pedagogia Waldorf fez todo o sentido para sua biografia. E, por esse motivo, deixou a carreira acadêmica para seguir o caminho como professora dessa pedagogia.

Perguntamos o que a levou a trocar os anos de dedicação à universidade e recomeçar um novo ciclo dentro da Pedagogia Waldorf, ao que obtivemos a resposta:

Quando se começa a estudar a Antroposofia, que é a âncora da Pedagogia Waldorf, a gente escuta a frase: tu não estás diante de um aluno, tu estás diante de um ser que chegou do mundo espiritual e que tem um lado espiritual também que precisa ser considerado no trabalho. Isso fez muita diferença, de passar a olhar a criança e o jovem de outra forma. E mesmo tendo um olhar sensível para os alunos, quando tu vê esse lado profundo da entidade humana, é como se te trouxesse uma consciência maior sobre o teu trabalho. Como eu vinha da academia, da pesquisa, do mestrado, eu conhecia muitos teóricos como Paulo Freire, Vygotsky, Piaget, Gallahue. E você olha e vê que nenhum deles traz essa visão. A Antroposofia chegou pra fechar esse elo para mim. Foi muito interessante, como se fechasse todo esse arcabouço teórico de vivências, e a leitura das obras do Steiner fez muito sentido. Olhar para cada criança, para cada turma, olhar a biografia, a antropologia antroposófica. Começa a pensar por que isso ou aquilo não é recomendado para uma criança. E a gente começa a fazer esses embates do que seria recomendado e do que não seria recomendado (relato pessoal).

Na percepção da professora, o movimento pleno de sentido possui dois momentos. O primeiro compreende reconhecer se o movimento faz sentido para a criança e identificar os benefícios que ele traz para o desenvolvimento. Para alunos menores, a professora citou o papel da imagem, quando, por exemplo, uma criança interpreta um personagem em alguma brincadeira. Ela é capaz de se entregar totalmente à atividade quando está envolvida com a imagem proposta e, paralelamente a isso, consegue também desenvolver suas habilidades e capacidades motoras enquanto brinca. Porém, segundo ela, é preciso mais do

que isso. O segundo momento é o que acontece com a gente quando experiencia movimentos que realmente fazem sentido para nossa busca individual. Ela conta que, no início, associava o sentido do movimento à consciência. Entretanto, hoje, percebe que é algo ainda maior do que essa relação. Para estar pleno de um movimento, é necessário mais do que a consciência de sua execução; é preciso sentir seu corpo no espaço de alguma forma, sabendo que é possível tatear e olhar o espaço através do corpo e dos membros. Estar pleno dentro de um movimento seria, então, segundo a professora, compreender que ele atua no corpo, na alma e no espírito, estando realmente presente enquanto o movimento está sendo executado.

Segundo ela, não podemos partir do conceito para trabalhar o movimento pleno de sentido com as crianças, pois este precisa ser vivenciado corporalmente. Ela lembrou como os alunos do 3º ao 5º ano normalmente se entregam ao movimento sem restrição, com plena confiança no professor. Entretanto, já no 6º ano, quando as crianças estão mais “pé no chão”, elas anseiam por regras e toda causa precisa ter sua consequência, como acontecia no ideal de educação da Roma Antiga.

Ao final, fizemos a pergunta inicial: O que faz um movimento ter sentido?

A partir daí, algumas perguntas começaram a surgir em nossa conversa e cada um de nós foi trazendo as questões que nos atravessavam naquele momento: Será que um movimento pleno de sentido é quando uma aula dá certo? Ou quando trabalhamos os movimentos que irão auxiliar o desenvolvimento dos alunos de forma integral em cada etapa biográfica? O movimento com sentido fará sentido imediato para os alunos ou esse trabalho é direcionado para o futuro e para a vida adulta? Será que eu só entenderei o verdadeiro significado do movimento com sentido quando eu puder vivenciá-lo? Como reconhecer que o movimento faz sentido para mim, quando eu ficar bem após realizá-lo? Quais seriam as características de um movimento carregado de sentido?

Foi assim que, com muitas perguntas que ansiavam por um direcionamento, terminamos a conversa.

5. O movimento pleno de sentido pelo professor e aluno Yuri Mercante

Yuri atua como professor auxiliar do Ensino Fundamental I em uma escola Waldorf e é aluno do 6º semestre do curso de Pedagogia da Faculdade Rudolf Steiner. Por ter sido convidado para substituir a professora de Educação Física por um período, teve a oportunidade de ministrar aulas para as classes do 1º ao 5º ano. Nessa experiência como professor substituto, fez um trabalho intenso de ritmo com as crianças, pois sentia que as aulas eram pouco permeadas por um sentido e quase todas as atividades que as crianças conheciam proporcionavam apenas momentos de expansão, tais como o brincar livre descontrolado, brincadeiras de correr e futebol, por exemplo. Ele conta que foi preciso proporcionar ritmos e brincadeiras mais adequados, com mais imagens, canções, rodas e histórias, na tentativa de equilibrar esses momentos de expansão e contração. Percebe que, antes de sua atuação, as crianças estavam brigando muito, sem interesse na participação, ansiosas antes da aula, muito competitivas e se desentendendo com frequência. Ele relata que, pela primeira vez, entendeu a importância de as aulas de movimento proporcionarem um ritmo saudável e que isso era possível em momentos de contração e de expansão. Fato esse que justifica sua primeira percepção sobre o que seria um movimento pleno de sentido nessas idades: encontrar a harmonia em momentos de contração e expansão nas brincadeiras.

Outro ponto que considerou relevante para a compreensão do termo foi perceber que, para cada idade, havia brincadeiras adequadas, que geravam um ambiente mais equilibrado. Ele pôde compreender que a Educação Física, além de brincar e correr, deve trazer ordem e estrutura, cultivando o respeito às regras, honestidade, verdade, estratégias e prontidão para agir na hora certa.

Conta, também, que estabelecer um ritmo foi fundamental para que a aula desse certo. Aproveitou para tirar as brincadeiras competitivas e passou a iniciar a aula com um verso, proporcionando um momento de união na sala, sendo esse momento sucedido por uma retrospectiva da aula anterior. Trocou a brincadeira livre e sem um direcionamento para atividades de contração e expansão, com começo, meio e fim. Começou, então, a colher os frutos em aulas que aconteciam com maior fluidez e interesse de todos.

Após esse processo, percebeu que conquistou um lugar de respeito com as

crianças, pois elas sabiam que ele esperava algo delas e que cumprir os combinados era essencial para que a aula acontecesse.

Após três semanas, já foi possível notar que o tempo nas aulas começou a ser suficiente para as brincadeiras. Decidiu, então, repetir a mesma brincadeira com todas as turmas, por perceber que as crianças mais velhas precisavam retomar algumas brincadeiras mais infantis. Com o tempo, as crianças ficaram tão felizes que elas mesmas já pediam a brincadeira antes mesmo de ela acontecer.

Assim, após esse período de experiência, somado ao estudo feito para esta pesquisa e também aos conteúdos e metodologias das aulas da faculdade, ele reconhece que este termo pode ser utilizado em tudo que fazemos, ou em todos os momentos, quando nós, pedagogos, estamos à frente de uma turma. Temos a tarefa de ensinar algo que seja pleno de sentido primeiramente para nós, fazendo com que o impacto e o efeito nas crianças sejam mais profundos. Além disso, deve ter sentido para quem estamos ensinando, acompanhando a biografia da criança e o ambiente sociocultural no qual ela está inserida.

Segundo ele, poderia também traduzir este termo para permeado por espírito, pois aquilo que é ensinado é tão verdadeiro para o professor que se impregna naquilo que será ensinado, dando sentido à prática pedagógica. Quando internalizamos, de fato, algum conhecimento é que nos tornamos mestres daquela arte. Aquilo que faz sentido para o professor será transmitido com sentido para aqueles que estão aprendendo.

Por fim, conclui-se que um movimento pleno de sentido seria aquele que equilibra o desenvolvimento físico com o espiritual, tocando o aluno no pensar, sentir e querer e não levando ao pensamento racional de forma precoce, tornando-se algo orgânico, natural e pertencente ao corpo e à alma, seja quando vai sacar uma bola no vôlei, seja quando irá tocar um instrumento. Se o corpo pensar por si só, se ele souber exatamente como se posicionar e executar a tarefa desejada, ele executará um movimento permeado por sentido.

Considerações finais

Após as rodas de conversa e a pesquisa bibliográfica, podemos concluir que a compreensão do termo “movimento pleno de sentido” exerce papel im-

portante para aqueles que se propõem a trabalhar com o movimento dentro da Pedagogia Waldorf. É preciso lembrar que o papel do professor é, justamente, ajudar a criança a se fortalecer, tornando-se um ser humano coeso e capaz de escolher sua trajetória. E o movimento pleno de sentido pode vir a ser um caminho que ajuda a alimentar todo o ser humano, proporcionando coerência entre as forças do pensar, sentir e querer. A exemplo, podemos imaginar uma criança que possui um corpo pronto para o movimento e uma compreensão clara das explicações, porém, emocionalmente, tem dificuldade de lidar com os desafios. Outra situação seria uma criança que compreende bem os combinados e sabe lidar com as frustrações, porém não tem um corpo pronto para o movimento. Ou, por último, uma criança que tem um corpo pronto e emoções fortalecidas, mas não compreende bem a atividade. O movimento terá sentido quando abranger todas essas esferas e auxiliar a criança a se desenvolver de forma integral.

Referências

STEINER, Rudolf. *A Arte da Educação I: O Estudo Geral do Homem – uma base para a Pedagogia*. São Paulo: Antroposófica, 2007.

STEINER, Rudolf. *O desenvolvimento saudável do ser humano*. São Paulo: Antroposófica, 2008.

STEINER, Rudolf. *Os primeiros anos da infância*. 2.ed. São Paulo: Antroposófica, 2013.

STEINER, Rudolf. *Reconhecimento do ser humano e realização do ensino*. São Paulo: Antroposófica, 2009.